

Apresentação



São Gregório Magno, papa beneditino, define São Bento como “o homem de Deus que brilhou nesta terra tanto pelos milagres como pela eloquência com que soube expor a sua doutrina” (II Diálogos, 36). Este papa, que viveu no século VI e escreveu sobre o pai dos monges do Ocidente, tendo como contemporâneos pessoas que conheceram o santo de Núrcia, escreveu sobre Bento no seu *Segundo livro dos diálogos*. Não se trata de uma biografia no sentido clássico; mas, segundo as ideias do seu tempo, deseja ilustrar, mediante o exemplo de um homem concreto, a subida aos cumes da perfeição, como pode ser realizada por aqueles e aquelas que se abandonam nas mãos de Deus. São Gregório Magno também narra, nesse livro dos diálogos, muitos milagres realizados por Bento. Com isso, não quer simplesmente narrar alguma coisa extraordinária, mas demonstrar como Deus, admoestando e ajudando, intervém nas situações concretas da vida do homem; deseja mostrar que Deus não é uma hipótese distante colocada na ori-

gem do mundo, mas está presente na vida do homem, de cada homem.

Segundo o seu hagiógrafo, Bento nasceu pelo ano 480 e foi mandado pelos pais para estudar em Roma. Insatisfeito com a vida desregrada dos colegas e querendo agradar somente ao Senhor, partiu em busca de uma vida interior mais intensa. Depois de uma curta experiência na Aldeia de Effide, em uma comunidade religiosa, partiu para uma experiência eremítica na Gruta de Subiaco. Ali viveu por três anos completamente só – na alta Idade Média, esta gruta constitui-se coração de um mosteiro beneditino, o *Sacro Speco*. O período em Subiaco foi para Bento um tempo de amadurecimento, aprendendo a superar tentações próprias do ser humano: a tentação da autoafirmação e do desejo de se pôr no centro, a tentação da sensualidade e as tentações da ira e da vingança. Só depois de estar em condições de controlar os impulsos do eu é que decidiu fundar o seu primeiro mosteiro. Em 529, Bento deixou Subiaco para se estabelecer em Monte Cassino, fundando, assim, a primeira comunidade monástica, tendo a sua regra como guia.

São Gregório Magno afirma que a vida de Bento era imersa na oração e que sem esta não há experiência de Deus. Mas a espiritualidade do nosso santo não era uma interioridade fora da realidade, pois na inquietude e confusão do seu tempo ele vivia sob o olhar de Deus

sem perder os deveres da vida cotidiana. Contemplando o Criador, entendeu a realidade do homem e a sua missão. Na sua regra qualifica a vida monástica como uma “escola do serviço do Senhor” (RB prol. 45) e pede a seus monges que “à obra de Deus (Ofício Divino ou Liturgia das Horas) nada se anteponha” (RB 43,3). Assim, a vida do monge é sempre ação e contemplação para a glória de Deus (cf. RB 57,9).

No exercício da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (RB 5,2), o monge conquista a humildade, à qual a santa Regra dedica todo o cap. 7. Desse modo, o homem se torna sempre mais conforme a Cristo e encontra a verdadeira realização como a criatura feita à imagem e semelhança de Deus.

O superior do mosteiro, que é o abade, deverá ser ao mesmo tempo um terno pai e também um severo mestre (RB 2,24), um verdadeiro educador; mas a ternura do Bom Pastor deverá prevalecer (RB 27,8).

São Bento, na sua humildade, qualifica sua Regra apenas como uma iniciação para quem se apressa em chegar aos cumes da perfeição (RB 73,8), indicando, porém, a Sagrada Escritura como mestra, e também os Padres da Igreja.

Com este compêndio desejamos motivar nossos leitores e leitoras a conhecerem melhor a espiritualidade beneditina e chegarem ao humanismo que possa colocar

os homens e as mulheres como protagonistas humildes de suas ações. cremos que isso acontecerá a partir de pequenas meditações e orações em torno dos temas centrais da Regra de São Bento, que continuam muito atuais para o crescimento espiritual, fazendo com que a nossa amizade com Jesus Cristo cresça cada vez mais.

E, como nos ensina o papa emérito Bento XVI, o grande Monge Bento permanece sendo um verdadeiro mestre, em cuja escola poderemos aprender a arte de viver o verdadeiro humanismo.

A medalha de São Bento



A medalha de São Bento, tão difundida no meio do nosso povo, apareceu pouco depois de sua morte, no ano de 547. Foi criada por monges beneditinos, discípulos e seguidores de Bento, cuja Ordem Religiosa já possui mais 1.500 anos. A medalha é totalmente inspirada na vida, obra e oração desse grande santo, pai dos monges do Ocidente. Constitui-se, assim, um sacramental; ou seja, um sinal visível e palpável da nossa fé e da presença de Deus. Não é um amuleto, mas um símbolo profundo de espiritualidade e união com Jesus Cristo que nos livra das investidas do mal e de todos os perigos. O símbolo da medalha nos ajuda a rezar, a entrar em contato com Deus e a nos colocarmos sob a proteção do Altíssimo (cf. Sl 90) através da intercessão de São Bento.

Na frente da medalha encontramos várias inscrições e símbolos, todos relacionados à vida e à obra de Bento, como também ao crescimento espiritual dos cristãos. As letras C S P B dentro de quatro círculos são as iniciais de uma frase em latim: *Cruz sancti patris Benedicti*, cujo

significado é: A cruz do santo pai Bento. Nosso santo é pai de gerações de seguidores de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O primeiro símbolo que se destaca é, portanto, a cruz, sinal do cristão e da devoção de São Bento. A cruz com as duas hastes do mesmo tamanho significa que a mesma dedicação que devemos ter para com Deus (haste vertical), também precisamos ter com os irmãos (haste horizontal). A inscrição na haste vertical contém as letras C S S L M; as iniciais da frase em latim: *Cruz sacra sit mihi lux*, que quer dizer: A cruz sagrada seja a minha luz. Já a inscrição na haste horizontal, as letras N D S M D são as iniciais da frase: *Non draco sit mihi dux*, que significa: Não seja o dragão o meu guia. É a segunda sentença da oração de São Bento; estando na haste horizontal, indica as relações humanas, para que não permitamos que o maligno seja o nosso guia.

No topo da medalha há a inscrição *PAX*, que quer dizer *PAZ*, para que todos possamos ter a paz interior que só Jesus pode nos dar, não como o mundo a dá. Por isso, em seu discurso de despedida, Jesus disse para que nosso coração não se perturbasse (Jo 14,27).

Na lateral direita do círculo vemos a inscrição V R S N S M V, que são as iniciais da seguinte expressão latina: *Vade retro satana nunquam suade mihi vana*, ou seja: Retira-te, satanás, nunca me aconselhes coisas vãs! Já na lateral esquerda do círculo encontramos as iniciais S M Q L I V B:

Sunt mala quae libas, ipse venena bibas, significando: “É mau o que tu ofereces, bebe tu mesmo o teu veneno!”

Portanto, assim fica toda a oração de São Bento: “A cruz sagrada seja a minha luz. Não seja o dragão o meu guia. Retira-te, satanás. Nunca me aconselhes coisas vãs. É mau o que tu ofereces. Bebe tu mesmo o teu veneno”.

Já no verso da medalha temos a imagem de Bento vestindo o hábito da nossa Ordem Beneditina, com a cogula negra. Ao redor do ícone temos a inscrição em latim: *Eius in obitu nostro praesentia muniamur*, que quer dizer: Sejamos confortados pela presença de São Bento na hora de nossa morte. Junto com São José, ele também é invocado como padroeiro da boa morte. Quem traz no peito a medalha do nosso pai São Bento deverá pedir uma morte tranquila e em estado de graça.

Sob a imagem de Bento encontramos a Santa Cruz, símbolo da nossa libertação pelo Mistério Pascal de Cristo. São Bento orientava para que todos sempre fizessem o sinal da cruz: ao despertar, antes das orações e na conclusão delas, antes das refeições, antes dos estudos, do trabalho e antes de dormir, pois assim Deus nos protegerá das investidas do maligno.